



GT 046. Música, Som e Formas Expressivas

Wagner Neves Diniz Chaves (Departamento de Antropologia Cultural/UFRJ) - Coordenador/a, João Miguel Manzollilo Sautchuk (DAN/UnB) - Coordenador/a

Expressiva, comunicacional e performativa, aglutinadora de múltiplos conhecimentos, significados e agenciamentos, a música é um campo fértil para investigação antropológica de um conjunto de temas e questões, possibilitando o diálogo entre diferentes nichos dos debates antropológicos, tais quais etnomusicologia, etnologia indígena, cultura popular, patrimônio, antropologia urbana, antropologia do Estado e análise de rituais e performances. Apostando na relativização da noção de música como categoria analítica e partindo da superação do antigo dilema que apartava análise dos aspectos sonoros e interpretação dos sistemas de pensamento e ação, este Grupo de Trabalho volta a atenção para as conexões entre múltiplos aspectos das práticas musicais e produções sonoras e seus significados sociais, principalmente as relações da música com outros meios expressivos e práticas sociais, e as dimensões técnicas e práticas do fazer musical. Tendo em vista esta perspectiva geral, pretende-se explorar os seguintes eixos temáticos: 1) música e linguagem; 2) interação no fazer musical; 3) teorias musicais nativas; 4) música, ritual e performance; 5) mediação, apropriação e identidade; 6) gravação, representação fonográfica e arquivos; 7) paisagem sonora.

EKOMA: dançar e ser dançada

Autoria: Jaqueline de Oliveira e Silva

Esta pesquisa tem como foco experiências coreográfico-musicais vivenciadas junto aos makhuas, grupo étnico da região norte de Moçambique, província de Nampula. Busco neste texto perceber pessoas e instrumentos musicais como corpos que se movem e são movidos para e pelo som, com o intuito de orientar, educar, entreter, politizar. Me detendo nos contextos de domínio feminino, pretendo tratar de diferentes situações em que a música e a dança estão presentes de forma marcante na vida das mulheres, compondo seus espaços de circulação, construindo e sendo construídas através de seus corpos. Ao longo de suas trajetórias, as mulheres makhuas dançam e são dançadas, por e nos batuques. Batuque é termo em português forjado durante o período colonial para definir os instrumentos musicais percussivos cujo som é produzido pela vibração de uma membrana de couro animal estendida e tensionada, que pode estar presa de diferentes formas sobre um corpo de madeira, igualmente em formatos diversos (chamados vulgarmente no contexto brasileiro de tambores). A palavra batuque é usada também para definir festas, cerimônias e rituais em que há a presença destes instrumentos. Em língua emakhua, o termo usual na região litorânea de Nampula que cumpre a mesma função, definindo a música, os eventos, os instrumentos e a dança é ekoma (plural icoma). Ou seja, tanto o termo batuque (em português, empregado de maneira indiscriminada em todo o país) quanto ekoma (em emakhua, na região litorânea de Nampula) podem se referir aos instrumentos, ao local ou ao momento em que se dança, ou simplesmente a dança: se vai ao ekoma, toca-se ekoma, dança-se ekoma; assim como se vai aos batuques, toca-se batuques, dança-se batuques. Passar pelos batuques é o mesmo que passar pelos ritos de iniciação ou ser dançada, o que nos chama atenção para o duplo local ocupada pela iniciada: ela dança e é dançada, nos batuques e pelos batuques. Este work refere-se a uma pesquisa de doutorado em andamento inicial, em que proponho me distanciar das dicotomias forjadas pelo pensamento colonial que fragmentam aquilo que na prática é atravessado por diversos sentidos. Desconsiderar o trânsito fluido entre coisas, pessoas e práticas atende mais ao objetivo etnocêntrico de colocar em ordem ações aparentemente caóticas, do que ao intuito de buscar um entendimento relacional e dialógico sobre outras formas criativas de ser e estar no mundo. Neste sentido, questiono se uma classificação segmentada entre dança, música ou teatro, todos conceitos criados no



contexto europeu, resiste a um olhar atento direcionado às práticas coreográficas e sonoras das pessoas makhuas.



Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero, de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e



Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA) e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização:**Apoio:****Organização:**